

**FFLCH - USP**

**Leitura de Monografias Antropológicas – Antropologia Crítica**

**Estudante: Beatriz Ricci Aranha**

**No USP: 7197330**

**Docente responsável: Carolina de Camargo Abreu**

**Turno: Noturno**

## **Trabalho Final**

O que pretendo investigar nesse trabalho é como as palavras escolhidas pela mídia hegemônica, no caso brasileiro, para tratar sobre a tática de Black Blocs, assim como a ação da polícia, são em parte responsáveis pela incompreensão dela e pela instauração de mais um perigo à “sociedade-de-bem”. Nas diversas matérias e notícias percebe-se que o porta-voz mais legitimado pela mídia hegemônica são as polícias militar e civil. Apesar de pesquisas mostrarem a baixa taxa de confiabilidade que as polícias brasileiras têm entre sua população<sup>1</sup>, são elas que dão as declarações mais divulgadas pela mídia, a qual costuma colocar suas declarações como  *fatos*. Raras vezes colocam palavras de suposição frente às declarações policiais, ao contrário do que fazem com manifestantes. Mas não seria antes, essa palavra “da oficialidade” apenas mais um discurso colocado como a realidade pelas “instituições legítimas”?

## **Black Blocs na Grande Mídia**

Para analisar qual a representação de Black Blocs na mídia, me deterei aos discursos vinculados no grupo Folha de São Paulo. Apesar do aparente pequeno, a Folha é um dos jornais de maior circulação do país – tendo sido o segundo a mais circular no ano de 2013, segundo a ANJ (Associação Nacional de Jornais)<sup>2</sup>. As primeiras menções à tática de Black Bloc acontecem em 2001<sup>3</sup>. As reportagens provenientes de agências de notícias internacionais quando das manifestações em

---

<sup>1</sup> “Em termos gerais, o grau de satisfação com a polícia é muito baixo. Segundo o levantamento, apenas 36% da população declarou estar satisfeito ou muito satisfeito, contra 63% que declararam insatisfeitos ou muito insatisfeitos” – “*Pesquisa do ICJBrasil avalia confiança nas instituições do Estado*”. Disponível em: <<http://fgvnoticias.fgv.br/pt-br/noticia/pesquisa-do-icjbrasil-avalia-confianca-nas-instituicoes-do-estado>>. Data acesso: 04/07/2014

<sup>2</sup> “OS MAIORES JORNAIS DO BRASIL DE CIRCULAÇÃO PAGA, POR ANO”. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>>. Data acesso: 04/07/2014

<sup>3</sup> O website da Folha de S. Paulo permite que sejam pesquisadas matérias desde 1994

Gênova contra a reunião do G8. Em ambas matérias a menção é breve e envolta de adjetivos rasos e acusadores<sup>4</sup>:

*“O grupo teatral foi preso sob a acusação de ser suspeito de associação com o Black Bloc, uma facção extremista anarquista acusada de espalhar a violência em Gênova”*

*“No total, 290 horas de imagens, que correspondem a 570 mil metros de fita, foram filmadas durante a semana da reunião de cúpula, desde seus preparativos, debates e manifestações, até cenas insólitas dos temidos Black Bloc, os extremistas do movimento”*

A partir do website do jornal A Folha de S. Paulo, no período pesquisado (1994-2014) apenas entre 2013 e hoje<sup>5</sup> contabilizam-se 326 matérias – dentre notícias, colunas, opinião, humor – que constam o termo “Black Bloc”, dentre essas, apenas duas se referem a notícias internacionais. Em apenas um ano o assunto virou fonte de interesse da mídia, polícia e políticos. O uso do termo é indiscriminado. Como se percebe em diversas notícias, que costumam se utilizar dos discursos das polícias militar e civil como dados, qualquer manifestante detido – de preto ou não –, na voz deles, já se tornou um adepto da tática.

Sobre a reintegração de posse da reitoria no ano passado, a Folha publicou o seguinte<sup>6</sup>:

*“Os móveis do local foram empilhados para bloquear os corredores e acessos. Havia documentos e preservativos usados espalhados pelo chão. Algumas pichações tinham o símbolo do grupo anarquista black bloc”*

---

<sup>4</sup> “Justiça italiana liberta manifestantes de Gênova”. Disponível em : <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/reuters/ult112u4653.shtml>>. Data acesso: 03/07/2014

“Política e antiglobalização invadem Festival de Veneza”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u17218.shtml>>. Data acesso: 03/07/2014

<sup>5</sup> julho, 2014

<sup>6</sup> Felipe Souza. “USP prevê 15 dias para conseguir reabrir prédio invadido e depredado”. Disponível em : <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/11/1371209-usp-preve-15-dias-para-conseguir-reabrir-predio-invadido-e-depredado.shtml>>. Data acesso: 05/07/2014

Ora, qualquer um que conheça minimamente o que é “Black Bloc” riria de tal declaração. Adeptos da tática, simpatizantes ou mesmo pessoas um pouco melhor informadas sabem que Black Bloc não configura um grupo e muito menos têm símbolos para além da vestimenta característica. Aparentemente as reportagens dos grandes jornais e revistas não se interessam muito por delimitar o que é tal tática, assim como policiais e políticos. Qualquer um que esteja de preto hoje em alguma manifestação está sujeito a ser detido sob alegação de compor parte de “Black Bloc” – a justificativa tem sido a mesma para detenções arbitrárias que a polícia realiza: costumam declarar para imprensa, sedenta por espetáculos, que os detidos ou intimados eram Black Blookers<sup>7</sup>:

*“O pichador foi levado a uma delegacia nos Jardins, onde a ocorrência foi registrada, e solto em seguida. Segundo relatos de um policial ao site Rede Brasil Atual, Ivson foi revistado por estar ‘trajado como Black bloc, bom roupa preta, capuz e máscara’, um ‘perfil que já cometeu vários crimes na cidade de São Paulo’”*

Durante as manifestações contra o aumento da tarifa em junho de 2013 em São Paulo e com o inédito e crescente número de mobilizações no país afora, é possível notar uma forte tendência da mídia em separar manifestantes legítimos e pacíficos de “baderneiros”, “violentos” Black Blocs. Francis Dupuis-Déri, cientista político e militante canadense, deflagra isso em sua obra “*Black Blocs*” (2014):

*“É muito comum jornalistas dos principais meios de comunicação pregarem e divulgarem esse tipo de censura. Durante a cúpula do G20 em Toronto, por exemplo, um repórter do Toronto Sun escreveu que ‘manifestantes legítimos que agem dentro da lei e tentam fazer com que suas vozes sejam ouvidas de maneira menos controversa podem achar que suas preocupações não serão ouvidas em meio ao caos’”*  
(*Idem, Ibidem*: p. 159)

---

<sup>7</sup> Silas Martí. “Pichador da Bienal de São Paulo é preso em ato de índios na avenida Paulista”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/10/1351260-pichador-da-bienal-de-sao-paulo-e-presos-em-ato-de-indios-na-avenida-paulista.shtml>>. Data acesso: 05/07/2014

O bom o e o mau, o pacífico e o violento são forjados e separados, legitimando, de certa forma, a ação policial repressiva sobre aqueles que supostamente estão se utilizando da força física – não à toa que qualquer pessoa que a polícia aqui no Brasil tem detido em manifestações são colocadas logo de início como vândalos que estavam depredando o patrimônio sendo acusados de formação de quadrilha mesmo que estivessem sozinhos no ato da detenção, ou mesmo que haja testemunhas contrárias. Traçar perfis políticos e polarizá-los ajuda a abafar a legitimidade da manifestação. Como bem coloca Dépuis-Déris, a mídia poderia muito bem escolher *não* cobrir a ação de “vândalos”, já generalizados em “Black Blockers”, e cobrir a parte que ela mesma coloca como legítima. Mas isso pouco os interessa.

*“Na linha de frente [das manifestações] vão os adeptos da tática ‘black bloc’ – que prega a destruição de patrimônio. Eles sempre vestem preto e cobrem o rosto. Na maioria, são bastante jovens, de classe média e classe média baixa, interessados em ação. Não têm contudo, o estofo político, por exemplo, dos chamados militante clássicos”<sup>8</sup>*

Esta passagem acima de uma reportagem da Folha intitulada “Black Blocs do Rio reúnem anarquistas e grupos de esquerda” é muito elucidativa da tentativa de retirar qualquer credibilidade do movimento. A tentativa de esvaziar politicamente o método de protesto Black Blocker é intencional, colocando que a ideologia deles *é apenas* quebrar propriedade pelo simples ato de destruição, tem por objetivo um efeito muito claro de descreditá-los e mostrá-los como mimados a procura de diversão e adrenalina. Não à toa sempre é a voz de pessoas que compõem um Black Bloc que está ausente. A grande mídia solta artigos até elucidadores sobre a tática, mesmo que com jargões carregados, mas a maior parte das matérias é voltada apenas para denunciá-los. Dépuis-Déri (2014) faz uma ótima colocação sobre isso:

*“‘Câncer’, ‘idiotas’, ‘bandidos irracionais’, ‘anarquistas’, ‘jovens vadios’, ‘desprovidos de crenças políticas’, ‘sede de violência’, ‘vandalismo’, ‘covardia’... Meros epítetos sob o disfarce de explicações? Talvez. Mas*

---

<sup>8</sup> “‘Black Blocs’ do Rio reúnem anarquistas e grupos de esquerda”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/02/1412871-black-blocs-do-rio-reunem-anarquistas-e-grupos-de-esquerda.shtml>>. Data acesso: 05/07/2014

*palavras como essas têm efeitos políticos muito reais, pois privam uma ação coletiva de toda a credibilidade, reduzindo-a à expressão única de uma violência supostamente brutal e irracional da juventude.*

*“A esse discurso unânime falta, porém, uma única voz: a das pessoas que participaram dos Black Blocs. A realidade se torna mais complexa e interessante quando se aceita dar ouvidos ao discurso deles, um esforço que permite compreender melhor suas origens, sua dinâmica e seus objetivos”*  
(DÉPUIS-DÉRI, 2014: p. 31)

### **Montagem, verdade e discurso**

Pode-se dizer da obra *“Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem”* (1993), de Michael Taussig, que ela configura uma tentativa de postular a realidade como inseparável de sua interpretação. O autor apresenta narrativas sobre o terror e a cura no Putumayo, região da Colômbia entre os Andes e a Floresta Amazônica. Esta região, povoada por comunidades indígenas sofreu, no início do século XX, um processo de colonização envolta no terror por conta da exploração da borracha. Taussig traz diversas narrativas desse período e as analisa com o objetivo de mostrar a herança do terror colonial e como ela se liga com o imaginário da cura entre a população da região a partir de uma etnografia que ele realiza nos anos 70.

Para a finalidade deste ensaio, o que vale frisar são os caminhos pelos quais Taussig costura e monta sua obra, sua própria interpretação do terror e da cura na região do Putumayo. O autor não está preocupado em verificar a veracidade dos fatos, mas sim entender como se dá a política de interpretação e representação deles. E como Benjamin, Taussig defende o estilhaçamento da ordem pretensamente natural que a ciência postula e da qual a História é refém. A fim de completar a liberação da História, Benjamin fazia o princípio da montagem dos surrealistas ser transportado como método para história, que não teria naturalmente uma estrutura ininterrupta e propositada. Pela montagem se interrompe a ordem ilusória criada pelo positivismo científico, dilui-se a fronteira fixa entre o verdadeiro e o boato. Por tal princípio faz-se possível as conexões entre dessemelhantes, é então que se mostra que o boato pode ser feito verdadeiro e portanto, como coloca Foucault – se bem que coloca em outra chave –, percebemos que o discurso não pode ser em si verdadeiro ou falso. A verdade de um discurso só existe a partir dos efeitos que este último incita sobre a realidade. Em outras palavras, a aproximação entre esses

dessemelhantes – boato e verdade, por exemplo – é possível a partir do momento que o boato passa a ter efeitos de verdade sobre algum nível da realidade. E esse efeito é o poder, a dominação.

E não seria o discurso vinculado pela mídia e aquele das polícias apenas um tipo específico de discurso – em si, nem verdadeiro nem falso? O problema surge quando, pela posição hegemônica que ambos se encontram, esses discursos passam a ter efeito de verdade. Percebemos isso claramente com os discursos da imprensa. Pouco importa discutir qual a intuição, origem e razões das táticas “violentas” dos Black Blocs. A ausência da voz de militantes e pessoas tolerantes à tática faz com que ocorra a mesma espécie de processo que coloca Taussig sobre a colonização, alteridade e a ausência da voz indígena:

*“A magia da mimese se encontra na transformação pela qual a realidade passa quando se descreve sua imagem. (...) No modo colonial de produção da realidade, tal como se deu no Putumayo, essa mimese ocorreu através do espelhamento colonial da alteridade, que devolve aos seringalistas a barbaridade de suas próprias relações sociais, mas como algo imputado à selvageria que eles anseiam por colonizar. O poder desse espelho colonial é assegurado pelo modo como ele é dialogicamente construído através da narrativa de uma história” (TAUSSIG, 1993: p. 139)*

Quão violento *realmente* é o estilhaçamento de vidraças se comparado à violência policial que a periferia vive cotidianamente e que manifestantes convivem em demonstrações de ocupação dos espaços públicos? Segundo a lógica da realidade que a polícia e a mídia pregam, a “vida” de um objeto vale mais destaque do que a *vida* de uma pessoa (ou várias). A barbárie da polícia sobre a população anseia por arrefecer uma suposta barbárie imputada à população que não se conforma, que não foi “civilizada” como bem aprazem as elites políticas e econômicas. Nessa articulação de poder, que se estabelece entre mídia e governantes (enquanto chefes das polícias) ocorre a produção de “efeitos de verdade”.

A polícia exagera a ameaça que seriam alguns tipos de manifestantes à segurança pública criando, assim, uma espécie de espaço de terror em volta das manifestações. Esta ameaça, então, toma uma aura de realidade por meio da assertividade com que a palavra da

própria polícia, que aspira por criar insegurança e justificar sua existência, é retratada. Além disso, pouco espaço é deixado para que manifestantes e adeptos de Black Bloc façam sua defesa. E mesmo quando oferecem algum espaço, a maior parte nega a colaboração ciente da possível manipulação, via edição, que pode ser feita ao bel-prazer da mídia.

Quando mediado para a população por meios de comunicação que se aparelham aos poderes políticos (estes que governam as polícias) e econômicos, o espaço do medo<sup>9</sup> torna-se verossímil, com o intuito que a “opinião pública” chegue a legitimar a ação violenta do aparelho repressivo sobre essa a violência contra objetos – que virou mania na imprensa e outros meios, o “vandalismo”. E o vandalismo configura uma violência que, em contraponto à violência policial, é mistificada por três elementos: pelos discursos policiais que buscam constantemente criminalizar qualquer tipo de perfil ‘inadequado’ ou considerado ‘marginal’<sup>10</sup>; por meio da escolha de não dar voz a militantes e simpatizantes/adeptos de Black Blocs e por último, o discurso colocado pela imprensa que irracionaliza a ação também por meio de palavras depreciativas e críticas que não têm intenção de ter qualquer conteúdo político. Críticas que não passam do mais puro moralismo.

#### Bibliografia:

DÉPUIIS-DÉRI, Francis. *Black Bloc*. São Paulo: Editora Veneta, 2014.

TAUSSIG, Michael. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

---

<sup>9</sup> considero que este espaço do medo tem um imaginário muito específico, que não poderei aqui desenvolver.

<sup>10</sup> “Pesquisas de sociólogos e cientistas políticos chegaram à conclusão que os policiais estão mais dispostos a recorrer à violência se souberem que estão enfrentando grupos políticos considerados ‘fora dos padrões ou ‘marginais’ por representantes do Estado e atores políticos que o Estado vê como responsáveis. Isso é o *estabelecimento de perfis políticos*” (DÉPUIIS-DÉRI, 2014: p. 204)